

#### Uso de cookies:

PRISA usa cookies próprios e de terceiros para melhorar os seus serviços, elaborar informação estatística e mostrar publicidade, conteúdos ou serviços personalizados através da análise da sua navegação. Para aceitar o seu uso, você pode clicar em Aceitar ou continuar navegando. Além disso, você pode configurar ou rejeitar o uso de cookies clicando na seção Configurações. Para obter mais informações sobre o uso de cookies e seus direitos, acesse nossa [Política de Cookies](#).

Configuração

ACEITAR

Erica Malunguinho no Aparelha Luzia. **JULIANA FARINHA**

#### MAIS INFORMAÇÕES

Viagem às raízes do Brasil negro

Uma pequena caminhada pela Rua Apa, em São Paulo, a mesma que abriga um famoso castelo que segundo a lenda urbana é mal assombrado, te deixa na porta do Aparelha Luzia. Caso esse passeio seja feito durante o dia, é muito provável que alguém passe despercebido pelo galpão que ocupa o número 78 dessa rua na região central da cidade. Mas se ao contrário, a visita se der no período da noite, as possibilidades de tropeçar numa roda de [samba](#), numa mostra de [filmes](#) que não estão no circuito ou

numa efervescência de pessoas conversando animadamente são grandes. Por fim, se o visitante não tiver sido antecipadamente prevenido, pode se surpreender ao se dar conta de que o público ocupante daquele espaço central é majoritariamente negro. [Aparelha Luzia](#) foi pensado para ser um quilombo urbano.

---

A cultura negra importa

O espaço que funciona de quinta-feira a domingo oficialmente, mas de maneira informal também abre terça e quarta-feira, é um centro cultural e político. Inaugurado em abril de 2016, o nome incomum do local remete a um passado mais distante. Aparelhos eram apartamentos ou casas onde ativistas que resistiam à [Ditadura Militar](#) se encontravam clandestinamente, faziam reuniões ou se refugiavam. Luzia, por sua vez, é o nome do fóssil mais antigo já encontrado na América, datado em cerca de 13.000 anos. Descoberta em [Minas Gerais](#), ela tinha traços e fenótipos negros muito antes do início do tráfico de escravos no século XVI.

Nos primórdios a idealizadora e gestora do espaço Erica Malunguinho ia em eventos e atividades culturais que aconteciam em outros espaços ou falava até mesmo com as pessoas que encontrava pelas ruas e as convidava para conhecer o Aparelha Luzia.

---

Lima Barreto, uma voz que nasceu negra na literatura

O boca a boca funcionou e o espaço agora recebe cerca de 500 visitantes por semana, regularmente. Mas existem situações extraordinárias, como a visita de [Carl Hart](#), neurocientista e professor de psicologia e psiquiatria da Universidade Columbia, um dos nomes mais relevantes nas discussões sobre uso e dependência de drogas. Em setembro, as pessoas se amontoavam para ouvir o pesquisador.

“Aparelha já é rota internacional. Dia desses havia caravanas do Rio de Janeiro, Pará, Mato Grosso, Senegal, Angola, Cabo Verde, [Nova York](#). Parecia a torre de babel refundada”, conta Erica.

A palestra de Hart não foi mero acaso. Do outro lado da rua e nos arredores [moradores de rua e usuários de crack](#) criaram uma espécie de acampamento. A convivência, ao contrário do que se poderia imaginar em um primeiro momento, não

acarreta nenhum problema para o estabelecimento ou os frequentadores. “Uma moça em situação de rua vem sempre quando tem samba. Ela adora roda de samba. Nós temos uma relação de convivência e de trocas que cada vez mais se aperfeiçoa. Estamos aprendendo e intervindo na medida da aceitação”, explica.

As histórias da criadora e sua criatura são tão intrínsecas que fica difícil separar. Erica é formada em pedagogia, é mestre em estética e história da arte, e já deu aulas. Mas sua trajetória sempre foi marcada pela arte. As ruas de [Recife](#), cidade onde nasceu, eram marcadas por intervenções que ela realizava ao lado de amigos ainda na adolescência. Veio para São Paulo aos 19 anos e se estabeleceu quase que de imediato no centro, região em que vive até hoje. Durante o período em que deu aula na rede pública municipal percorreu a cidade toda. Ela é uma mulher trans, negra e nordestina, mas este é um assunto que ela não costuma falar com a imprensa. “Tem muitas histórias de dor e opressão que eu já enfrentei, porém eu não gosto de falar sobre isso. E não é por negar, mas é porque reforça estereótipos e é isso o que as pessoas querem ouvir para saciar essa sede que têm por uma narrativa de superação. E as nossas dores não podem ser palco para discursos meritocráticos, elas são a prova da exclusão e das mortes sistemáticas previstas neste modelo de civilização, o racismo não é uma teoria flutuante, ela é práxis, assim como o machismo.”

O espaço em si tem muito de Erica, mas não só dela. As paredes rosadas do galpão são uma galeria onde artistas negros podem expor seus quadros e fotografias. Do teto caem tapetes, fitas, redes. Na cozinha, a Chef Cícera Alves adianta o cardápio da noite enquanto a trilha sonora é feita ora por [Maria Bethânia](#), ora por [Gilberto Gil](#), ora por Xênia França, numa mistura de MPB clássica e contemporânea.

Erica, multifacetada que é — desenha, pinta, fotografa, performa, entre outros — também é inquieta. Ao mesmo tempo em que responde às perguntas da reportagem de EL PAÍS, recebe seus convidados, cumprimentando um a um. Quando pode, responde mensagens no celular, faz os arranjos finais para o evento da noite e ao fim é chamada para dar início aos trabalhos. Faz tudo isso mastigando algumas castanhas para enganar a fome. Na noite será exibido um filme sobre jovens negras feito pelo [Instituto Criar](#).

Em seus sermões na abertura de eventos ela costuma falar sobre a ausência de pessoas negras na política em posições de poder. “A política é feita no cotidiano, mas ela chega em lugares institucionais. É importante que os pretos estejam em todos: executivo, legislativo e judiciário”, justifica Erica.

Sua habilidade de fazer tantas coisas ao mesmo tempo é também racional: ela fala de tudo. “Se me perguntarem sobre o que eu quero discutir, eu posso discutir sobre tudo”, afirma categórica. E essa é também uma das funções do Aparelha Luzia. Apesar da ampla programação de [exposições](#), filmes, shows, há dias em que não se realiza nenhum evento e é possível

apenas degustar o menu do dia ou beber uma cerveja e conversar. Para Erica, essa é a finalidade desse espaço de circulação de ideias negras. “A gente precisava de um lugar onde a gente pudesse simplesmente ser e escrever nossas narrativas, um lugar de encontro e de existência”, finaliza.

ARQUIVADO EM:

Samba · São Paulo · Estado São Paulo · Centros culturais · Exposições · Afrodescendentes · Brasil · Negros · Instituições culturais · Estilos musicais · América do Sul · América Latina · Grupos sociais · Mulheres · Música · Cultura · Sociedade

NEWSLETTER

Receba a newsletter diaria do EL PAÍS Brasil



CONTENIDO PATROCINADO

Conheça o alarme...

(ALARMES VERISURE)

[Fotos] Ex-participantes...

(DESAFIO MUNDIAL)

6 sinais de...

(JOLIVI)

Y ADEMÁS...

Por fin sabemos...

(EPIK)

Cataplexia: la enfermedad...

(DEPORTE Y VIDA)

Plancha por abdominales...

(DEPORTE Y VIDA)

© EDICIONES EL PAÍS, S.L.

Contato | Venda de Conteúdos | Publicidade | Aviso legal | Política cookies | Mapa | EL PAÍS no KIOSKOyMÁS | Índice | RSS